ESTÉTICA EDUCATIVA, EMANCIPAÇÃO E ARTESANATO INTELECTUAL: O QUE LUIZ FERNANDO CARVALHO NOS ENSINA NA TV?

Isabella Ferreira Viana Ribeiro – PBIC/UEG

Resumo: Este Plano Trabalho, vinculado ao projeto *E da TV se fez cinema, teatro, pintura: A estética educativa de Luiz Fernando Carvalho & Outras Histórias*, se propõe a analisar as relações entre história, educação e imagem, tendo como base a reeducação dos espectadores através da estética nas minisséries: *A Pedra do Reino* (2007), *Capitu* (2008) e *Afinal o que querem as mulheres?* (2010), dirigidas pelo diretor carioca Luiz Fernando Carvalho. As três produções citadas buscam suprir a carência de originalidade que se vê normalmente na TV, e contam com elementos narrativos que rompem com os padrões televisivos. As reflexões de Charles Wright Mills e Jacques Rancière, sobre o artesanato e a emancipação intelectual, servirão de apoio teórico-metodológico a pesquisa. Buscar-se-á com a análise das obras de Luiz Fernando Carvalho dar ênfase as intenções do diretor-educador: proporcionar ao público um refinamento cultural, mostrando a possibilidade de uma reeducação do olhar a partir da própria tela do maior canal aberto do país.

Palavras-chave: Estética; TV; Reeducação.

Luiz Fernando Carvalho é um diretor carioca que desde 1980, integra o núcleo de minisséries da Rede Globo. Dentre as minisséries que dirigiu estão *A Pedra do Reino* (2007), *Capitu* (2008) e *Afinal, o que querem as mulheres?* (2010). Serão elas abordadas nesta pesquisa, que tem por fim discutir a relação que ambas estabelecem entre história, educação e imagem, tornando-se uma fonte de aprendizado ao espectador, que segundo o próprio diretor, está “emburrecido pela massificação” proposta pelos programas de TV de baixo nível e padronizados pela indústria cultural.

A proposta do diretor-educador é justamente usar este veículo propagandístico, que é a Rede Globo, para reeducar o olhar do telespectador através da estética – contrapondo-se aos demais programas televisivos que carecem de originalidade – tentando refinar o gosto do público, tornando-o mais próximo da literatura, do teatro e da arte.

As minisséries *A Pedra do Reino* (2007) e *Capitu* (2008) são adaptações das obras *O Romance d’a Pedra do Reino e O Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta* de Ariano Suassuna e *Dom Casmurro* de Machado de Assis, respectivamente, e fazem parte do Projeto Quadrante⁷⁵, que tem por intento a adaptação de obras de escritores brasileiros, filmadas em suas cidades de origem e

75

Além destas duas minisséries, fazem parte do Projeto Quadrante, duas outras que ainda não foram filmadas: *Dois Irmãos* (Amazonas) da obra de Milton Hatoum e *Dançando Tango* (Rio Grande do Sul) da obra de Sérgio Faraco.

contracenadas por artistas locais. Adaptações como estas, além de promover a literatura, contribuem para a difusão da cultura brasileira destacando a diversidade presente nas diferentes localidades e seus aspectos e variantes particulares. O projeto também descentraliza a produção artística, revelando vários atores e atrizes, talentos antes desconhecidos.

Afinal, o que querem as mulheres? é uma proposta diferente das antes exploradas por Luiz Fernando Carvalho. A minissérie, que é voltada para elementos contemporâneos, possui uma linguagem menos complexa que as outras, o que contribui para a aproximação e familiarização do público com assuntos relacionados à psicanálise, como os estereótipos construídos pela sociedade (o homem perfeito, o amor de mãe incondicional, o ator midiático, etc.), a libido e os desdobramentos do “eu” dos personagens principais. Enfim, a minissérie explora a versatilidade narrativa do diretor, ao mostrar uma linguagem leve e descontraída.

Luiz Fernando Carvalho: diretor, educador, historiador!

Indo contra os padrões televisivos – que desestimulam a imaginação criativa do espectador – em suas adaptações, Luiz Fernando Carvalho, além de promover a literatura brasileira, mostra aspectos históricos que fizeram parte de nossa cultura em um determinado período e local. Em *A Pedra do Reino* (2007), fica clara a influência que a cultura européia exerce no Nordeste brasileiro. Primeiramente, na cidade de Taperoá, onde se passa a trama, foi montada uma muralha com um portão de acesso à cidade, que lembra os muros dos grandes castelos medievais, que serviam como proteção contra o ataque de povos inimigos. A trama gira em torno da história de João Ferreira Quaderna, o Execrável, real líder sebastianista, proclamado rei do Brasil, que provoca uma chacina em nome da ressurreição de Dom Sebastião, rei português, desaparecido em 1578, durante a guerra entre cristãos e mouros. A Pedra do Reino é o nome de duas grandes rochas que João Ferreira Quaderna considerava como a catedral do império de Don Sebastião, que seria desencantada após o derramamento do sangue dos fiéis. Pedro Dinis Ferreira Quaderna, protagonista da trama, era bisneto de João Ferreira Quaderna por parte de pai e sobrinho de D. Pedro Sebastião Garcia-Barreto por parte de mãe, este segundo era um grande fazendeiro, uma figura imponente que usava uma coroa de forma a assemelhar-se a um rei. Depois de pesquisas Quaderna descobre que era descendente direto de Dom Sebastião, vai até a pedra do reino e se coroa rei. Observando a trama – uma mistura de relatos históricos, mitos populares e as fantasias dos personagens – percebe-se o jogo entre realidade e ficção que a envolvem. O cenário, os personagens, a figura do rei divino, as

lendas, diversos elementos fazem alusão a um grande reino.

Além desses aspectos, relacionados à cultura medieval, pode-se destacar na trama, um processo histórico que envolve os conceitos de mudança e continuidade na história do Brasil. Processo este que é muito bem representado pelos dois mentores de Quaderna: Clemente Ravasco e Samuel Wandernes. O primeiro é um revolucionário socialista, que considera como povo verdadeiramente brasileiro, somente os nativos, propondo assim um rompimento com a tradição colonial portuguesa, em busca de uma identidade exclusivamente brasileira, enquanto o outro, um monarquista conservador, representa a fidalguia, promovendo uma continuidade com os costumes e valores portugueses. O historiador José Carlos Reis, em seu livro *As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC*, faz um confronto entre grandes nomes da historiografia brasileira baseando-se nesses conceitos de mudança e continuidade.

O conhecimento histórico é o conhecimento das durações humanas, que podem ser medidas em sua maior ou menor intensidade com os conceitos de mudança e de continuidade (...). *Mudança* para o Brasil, significa a identificação das forças que produzem a autonomia e a emancipação nacional; *continuidade*, a identificação de forças que reproduzem e renovam a independência (REIS, 199, p.14).

Os dois mentores de Quaderna eram candidatos, assim como ele, a escrever uma Epopéia que representaria a verdadeira identidade brasileira. É interessante pensar na importância do historiador como alguém responsável pela transmissão de ideologias. Se no lugar de Quaderna, um de seus dois mentores ao seu “estilo régio” particular tivessem se tornado o “Gênio da Raça” responsável pela criação da Epopéia brasileira, esta eternizaria e enalteceria seus próprios heróis, não os de Quaderna. Deixaria marcado outro Brasil, outro sertão, diferentes daqueles pensados por ele. O exercício dessa imaginação mostra como a história pode ser um veículo transformador e construtor de identidades, assim como a TV pode e é usada para este fim. Portanto pensar em Luiz Fernando Carvalho também como um grande historiador, é pensar que suas produções podem causar uma transformação, uma revolução nesse universo televisivo, que tanto faz parte da vida das pessoas, influenciando-as.

A educação visual é uma marca de Luiz Fernando de Carvalho, e nesse sentido ele propõe o desafio de pensar a história além dos livros, torná-la imagética. Estilizá-la. Assim podemos imaginar esse método educativo, transpondo os limites da televisão, adentrando nossas salas de aula, valendo-se também como uma forma de aprendizagem, mostrando aos alunos como essa dinâmica entre história, educação e imagem pode influenciar sua imaginação criativa e aproximá-

los do mundo de escritores como, Ariano Suassuna e Machado de Assis. Pensar a história e a literatura depois do papel é um grande desafio, pois, lida com o universo particular do autor. Luiz Fernando Carvalho assume que tentar transpor uma obra para o real pode acarretar em perda de parte de sua essência original, podendo até assassiná-la na tentativa de atingir o nível da imaginação⁷⁶.

Em *Capitu* (2008), além de adentrar o universo de Machado de Assis, levando os dramas de *Dom Casmurro* para as telas de TV, Luiz Fernando Carvalho, faz isso de uma maneira arrojada e inusitada, transpondo os limites da originalidade. O diretor faz uso anacronismo, ao misturar elementos do século XIX com elementos da atualidade, pois na minissérie o tempo é tratado também como uma personagem. Percebe-se isso já na primeira cena da minissérie, onde Dom Casmurro aparece sentado em um metrô contemporâneo todo pichado, com pessoas da atualidade à sua volta, enquanto lá fora, contrapondo-se a isso, aparecem imagens do século XIX. A tatuagem da atriz Letícia Persiles, que interpreta Capitu na adolescência, é preservada e representa uma das flores do quintal da menina. Não só música clássica, mas, samba e rock fazem parte da trilha sonora da trama como *Iron Man* da banda Black Sabbath e *Mercedes Benz* de Janis Joplin.

Este diálogo alternativo, entre a época original da minissérie e os elementos contemporâneos a ela adicionados, serve também para promover uma aproximação entre o público jovem e Machado de Assis, já que com o tempo surgiu-se um preconceito em torno do autor, devido à obrigatoriedade de suas obras nas instituições escolares. Luis Fernando Carvalho promove em *Capitu*, uma nova forma de olhar Machado de Assis. Estimula no espectador uma interpretação livre, que vai além da obviedade. Aqui se faz o exercício da imaginação criativa, que há tempos está fadada pela indústria cultural.

Versatilidade e inovação em *Afinal, o que querem as mulheres?*

Afinal, o que querem as mulheres? é uma pergunta há muito feita por Sigmund Freud, na busca por entender a mente histórica de algumas de suas pacientes. Luiz Fernando Carvalho explora sua autenticidade e versatilidade narrativa ao transformar essa famosa pergunta em uma minissérie arrojada e diferente de suas outras produções, por possuir uma linguagem mais simples e mais direta.

⁷⁶ Entrevista sobre o filme *Lavoura Arcaica*, intitulada *A subversão: entrevista com Luiz Fernando Carvalho*. Disponível em: <http://revistaturana.com/2012/01/26/a-subversao-entrevista-com-luiz-fernando-carvalho>.

André Newman, o protagonista da trama, tem esta pergunta como tema de sua tese de doutorado, passando a persegui-la incansavelmente, o que acaba por afastá-lo de seu grande amor, a artista plástica Lívia. Assim como Freud fez com suas pacientes, André, em vez de tentar descobrir a tão almejada pergunta por conta própria, decide ouvir de todas as mulheres que encontra, quais são seus sonhos, o que esperam dos homens, e o que precisam para alcançar a felicidade, para isso, recolhe depoimentos de várias delas nos vários lugares por onde passa. Por fim, ele consegue ter mais êxito que o próprio “pai da psicanálise” e termina sua tese, que se torna um grande sucesso. Mesmo se relacionando com várias mulheres, André não consegue esquecer Lívia. Depois de passar por muitos conflitos pessoais, no fim redescobre o amor feminino em sua filha, que tem com uma das mulheres com quem se relaciona.

A minissérie faz com que a psicanálise, um assunto mais complexo e formal, tome uma forma mais descontraída e menos acadêmica, tornando-a mais dialogável com o público. O boneco do Dr. Freud, que faz parte das fantasias de André, faz-se possível através do recurso *stop motion*, que é uma técnica de movimento quadro a quadro, muito utilizada no cinema. Não só a tecnologia, mas também a arte é uma referência na minissérie, que tem por tema principal a *pop art* de Andy Warhol, um marco da pós-modernidade, que retrata a sociedade de massa, o consumo de objetos e também de pessoas (objetos da indústria cultural), como as grandes atrizes de Hollywood, pintadas de forma mecânica, uma forma de expressar o controle que a mídia exerce sobre suas vidas. Nosso protagonista, André, também se sente como um objeto vazio ao perceber que seu sucesso o sufocava e estava lhe afastando cada vez mais de sua felicidade.

A minissérie faz uma crítica a nossa sociedade que se encontra cada vez mais estereotipada e massificada pela indústria cultural. Personagens como: Jonas, o homem perfeito; e Rodrigo Santoro, o típico autor “mecanizado” são produtos das *mass medias*.

Um mestre-artesão, emancipado

Luiz Fernando Carvalho, em suas obras, trava uma luta contra a indústria cultural, que corrompe cada dia mais a imaginação do telespectador, principalmente do homem mais simples, que não consegue lidar com essa imposição (CARVALHO, 2011, p.160). Retomar a imaginação roubada é um de seus principais objetivos, e ele assume os riscos dessa nobre tentativa. O diretor sabe que seus projetos são incompreendidos por boa parte do público, por isso tem sido alvo de muitas críticas. O grande problema da baixa audiência de minisséries como *A Pedra do Reino*, é que

as pessoas tornaram-se despreparadas para compreendê-las, ou melhor, a TV despreparou-as, fazendo com que se acostumem com programas de baixa qualidade. Tentar reverter esse quadro pode acarretar em rejeição por parte do público massificado.

A TV é um veículo extremamente eficaz para a propagação, a divulgação cultural, e a cultura que ela transmite tem se tornado cada vez mais banalizada, o que faz com que intelectuais e espectadores mais refinados tomem aversão a ela. Mas será que somente a televisão é responsável por essa massificação?

Dizer que na televisão só existe banalidade é um duplo equívoco. Em primeiro lugar, há o erro de considerar que as coisas são muito diferentes *fora* da televisão. O fenômeno da banalização é resultado de uma apropriação industrial da cultura, e pode ser estendido hoje a toda e qualquer forma de produção intelectual do homem. Exemplo particularmente sintomático desse fenômeno é a transformação das *livrarias*, tradicionais pólos de encontro das camadas intelectuais, em supermercados da cultura, especializados em *best-sellers* e digestivos, para onde ocorre o público de massa, que lota seus carrinhos de compra com uma subliteratura de consolo e manuais de auto-ajuda (MACHADO, 2000, p.9-10).

A massificação também está além da TV. Ela se faz presente em todos os âmbitos da sociedade, e a indústria cultural valendo-se disso utiliza artimanhas para aumentar seu poder de influencia sobre as pessoas, a ponto de tornarem as pessoas dependentes do que é transmitido por ela. Percebe-se nessa dependência uma completa ausência de experiências emancipadas.

Os resultados dessa comunicação são tão decisivos para a própria experiência que muitas vezes os homens não acreditam realmente no que “vêem diante de seus próprios olhos” até que tenham sido “informados” acerca disso pelo anúncio oficial, o rádio, a câmera, a nota distribuída pela imprensa. As comunidades não se limitam a experiência apenas; por vezes elas expropriam as chances de termos experiências que possam ser corretamente chamadas “nossas” (MILLS, 2009, p. 67).

O uso de profissionais responsáveis pela criação e propagação das artes de massa é uma das grandes cartadas da indústria cultural. Charles White Mills, ao falar da figura do designer, mostra como a maioria deles se vendeu ao que chama de “aparato cultural”, tornando-se também manipuladores das massas. O mercado corrompeu esses profissionais de tal forma que eles perderam toda sua originalidade, e mesmo sendo eles potencialmente criativos, sua arte é usada como um negócio, “seu objetivo e sua tarefa – reconhecidos pelos mais francos – não é tanto fazer produtos melhores, mas fazer produtos que vendam melhor” (Mills, 2009, p. 71). Assim o mercado cultural circula, e as pessoas vão ficando cada vez mais alienadas.

É duro perceber que a massificação invade também as instituições escolares, onde essa inserção massificadora começa desde a infância. Primeiramente, os próprios mestres ao subestimarem a inteligência de seus alunos acabam por desestimularem sua imaginação criativa. Já na escola implanta-se a idéia de que o aluno é dependente de seu mestre para aprender. “Há um embrutecimento quando uma inteligência é subordinada a outra inteligência” (RANCIÈRE, 2002, p.25).

A tendência é que esse embrutecimento que começa na escola invada também os outros meios sociais, inclusive a TV. E para reverter isso o público deve tomar consciência desse embrutecimento, voltando-se contra ele. É aqui que o mestre-artesão entra com sua sabedoria, pois, sua função é mostrar às pessoas que elas são bem melhores e mais inteligentes do que pensam e que podem sim pensar além daquilo que vêem. É isso que Luiz Fernando Carvalho propõe aos telespectadores, que eles sejam independentes e emancipados, e se suas produções ultrapassam os limites da originalidade e atingem uma experiência estética muitas vezes incompreensível aos olhos, não é porque ele se porta como o mestre ignorante que subestima a inteligência de seus receptores, mas sim porque ele acredita na inteligência dos mesmos, sabendo, assim como o mestre sábio o sabe, que todos podem igualmente compreender o que lhes é proposto.

Luiz Fernando Carvalho é um mestre sábio, que promove a emancipação de seus espectadores, por ser também ele um emancipado. Como foi dito por Charles Wright Mills, um bom artesão, não dissocia sua vida de seu trabalho, assim uma coisa enriquece a outra, “o artesanato é o centro de você mesmo, e você está pessoalmente envolvido em cada produto intelectual em que possa trabalhar” (MILLS, 2009, p.22). Dessa associação surge um artesão mais dedicado e espirituoso, que explora os limites de sua criação, desprendendo-se de métodos e padrões, brincando com o inimaginável.

Estimule a reabilitação do artesão intelectual despretenso, e tente se tornar você mesmo tal artesão. Deixe que cada homem seja seu próprio metodologista; deixe que cada homem seja seu próprio teorizador; deixe que teoria e método se tornem parte da prática de um ofício (...). Seja uma mente independente na confrontação dos problemas do homem sobre a sociedade (MILLS, 2009, p.56).

Sendo Luiz Fernando Carvalho um mestre artesão sábio e emancipado, seu trabalho é um estímulo à inteligência e à emancipação. *A Pedra do Reino, Capitu e Afinal, o que querem as mulheres*, é fruto deste esforço, que busca libertar a imaginação criativa que tem sido sufocada pelo embrutecimento que a indústria cultural impõe às pessoas. Não se trata de simplesmente mostrar

algo diferente a estas pessoas, trata-se de despertar-lhes sentimentos através de imagens e de sons, que podem ser bem mais belos do que um poema.

Sentis a emoção. Experimentai, entretanto, comunicá-la: é preciso transmitir a instantaneidade dessas idéias e desses sentimentos que se contradizem e se nuançam até o infinito, fazê-los viajar no maqui de palavras e frases (RANCIÈRE, 2002, p. 77)

O nobre objetivo do diretor-educador vai além de formar e polir espectadores emburrecidos pelos padrões, mas também formar pessoas que tenham consciência de sua capacidade de interpretar, tornando-se assim como ele, seres livres e emancipados.

REFERENCIAS

- CARVALHO, Luiz Fernando (dir.). *A Pedra do Reino*, Brasil, 2007, 2 vols.
- CARVALHO, Luiz Fernando (dir.). *Capitu*, Brasil, 2009, 2 vols.
- CARVALHO, Luiz Fernando (dir.). *Afinal, o que querem as mulheres?*, Brasil, 2011, 3 vols.
- CARVALHO, José Reynaldo de Salles. *Duas Capitus contemporâneas em teias intersemióticas: uma mostraçãorizomática da reescritura na pós-modernidade e na cultura remix*. Brasília: UNB, 2011.
- MACHADO, Arlindo. *A televisão levada a sério*. São Paulo: Editora Senac, 2000.
- MILLS, Charles Wright. *Sobre o Artesanato Intelectual e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.
- RANCIÈRE, Jacques. *O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999.